Angela Melim, Chacal, Laura Erber e Michel Melamed

Apresentação das organizadoras

No dia 7 de dezembro de 2009, em um fim de tarde de calor intenso, o saguão do Teatro Noel Rosa recebeu um público surpreendentemente numeroso para assistir às conversas entre Angela Melim, Chacal, Laura Erber e Michel Melamed. Escutar seus poemas e fazer-lhes perguntas. Nossa ideia era que em uma revista sobre Poesia, cuja ementa estava fortemente voltada para questões contemporâneas, as vozes dos poetas deveriam também estar inscritas nas páginas da revista. A seguir, apresentamos uma versão editada desse encontro, durante o qual os poetas discutiram temas como seus processos de composição, sua relação com as mídias, suas influências.

[Poetas se apresentam falando ou lendo poemas:]

Chacal:

Eu vou falar dois poemas. O primeiro diz assim:

“uma palavra escrita é/ uma palavra não dita é/ uma palavra maldita é/uma palavra gravada como gravata que é/ uma palavra gaiata como goiaba que é/ uma palavra gostosa”

(ele recita novamente mais rápido)

“uma palavra escrita é/ uma palavra não dita é/ uma palavra maldita é/ uma palavra gravada como gravata que é/ uma palavra gaiata como goiaba que é/ uma palavra gostosa”

(novamente, mais rápido ainda)

“uma palavra escrita é/ uma palavra não dita é/ uma palavra ...
(lendo tão rápido que não dá para distinguir nada) gos – to – sa”

Segundo:

“Imagine se,
por algum estranho motivo,
a música parasse de tocar.....

e pudesse ser consumida apenas através de partituras....
o mundo ia ficar mais triste...
... bem mais triste...

Pois isso aconteceu com a poesia,
afastada do corpo e da fala,
confundida com a escrita,

passou a ser monopólio de um estreito círculo de iniciados.

Mas isso está mudando.
Isso está mudando.
Isso está mudando.”²

Angela:

“Coisas assim pardas”

“Canário-da-terra, marreco, chinfrim/ coisas assim, nomes – Rita/
coisas assim pardas,/ mestiças/ de pequeno porte/ coisas de fi-
bra/ embora os jeitos desvalidos/ coisas pardas vivas/ pulsantes/
um poema assim.”³

...

“Tem um verão dentro de mim / um verão quente / um verão
louco / sol e vento se abraçam / amorosos / A luz explode. / É
um verão que acende o corpo / e ao mesmo tempo agita a alma
/ da criança de sempre / que quer correr / descalça na praia. /
Antes mesmo de setembro vem / com os cupins / venerar lâm-
padas.”⁴ Alças, decotes / vestidos de algodão / debaixo do chu-
veiro / o Cacique Bunda Branca / tira o calção. / No ar/ promete
um sopro / um bafo instiga / arde a vida no calor. / Viva o verão.”⁵

Michel:

“que com um simples beijo/ pode-se aprender um idioma não há

dúvida./ você beija uma chinesa: aprende chinês; / chupão no alemão: alemão; / um estalinho na francesa: oui./ a questão é quando forem comprovadas as propriedades medicinais do beijo, / e, conseqüentemente, da língua, / o constrangimento da família dessa menininha, / na fila de espera por uma lambida compatível com seu pequenino coração.”⁶

...

“Rebecca”

“Há um barco no mar/ e só/ há um barco no mar/ porque há/ mar/ Senão/ seria apenas um barco no ar/ Há um barco no ar/ Porque se não houvesse ar/ seria só um barco/ só um homem num barco/ só um homem sufocando num barco”⁷

Laura:

“Ela acorda cedo aberta ao estupro. Não é assim que faz o tatu, o coelho, os roedores em geral, os soldados em tempo de guerra? Ela muda depressa e agora é um alexandrino acentuado em u. Ela pensa em mudar o emprego, em mudar o emprego da língua, ela pensa em cantar o Hino Nacional. Ela viu na televisão um condor que não sente as próprias asas. Ela viu como fazem os répteis e o saci. A natureza é linda e variada. Ela sonha em se casar com várias espécies de homens. Ela sonha com bichos que dançam e fazem um ruído próprio no acasalamento. Ela gosta de olhar a pista de patinação no gelo. A terra é redonda, nada é muito longe. Ela não pensa em viajar. Ela está exausta e só pensa em ser feliz. Ela não está nem aí. Ela quer saber sobre as estrelas, sobre coisas mortas que brilham há zil anos. Ela quer saber como Lázaro adoeceu de repente. Ela quer mais açúcar, mais beleza. Ela quer sair daqui. Ela vai até o banheiro. Ela volta. Ela mente um pouco. Ela muda de roupa. O dia termina. Ela abre o leite, parece azedo. Ela engole.”⁸

Um outro curto, chama-se “Sewa-mono”, um título em japonês: “você também pode/ correr pelo campo como um samurai/ de empregado/ buscar amantes suicidas em Sonezaki/ dramas mais domésticos/ abrir teatro de marionetes/ falar/ insultar o chefe dos protocolos do Shogun/ gritar/ morrer// andar de bicicleta”⁹

[Poetas fazem perguntas uns para os outros:]

Ângela:

Mas vou aproveitar para perguntar para o Chacal, se ele não se lembra que ele lançou três livros numa livraria que eu tive, em 79. São livros maravilhosos, eu tenho até hoje os três.

Chacal:

Na verdade, ela fala da trilogia *Cara a cores*, que eu lancei em 79, 25 de setembro, depois 25 de outubro e 25 de novembro. O primeiro, *Olhos vermelhos*, o segundo, *Nariz aniz* e o terceiro, *Boca roxa*. Isso foi na livraria Muro, que era a nossa base ali, o celeiro de toda a poesia marginal. A Noa Noa começa quando, Angela? 79? Eu me lembro de um lançamento da Ana Cristina Cesar... E me lembro que a gente fez uma grande artimanha, que era nossa performance da época, lá na Noa Noa, lançamos e relançamos livros lá. Mas isso faz muito tempo. 79, ...30 anos, 30 anos. Era um bom período aquele. Você tem saudades daquela época, Angela?

Angela:

Não tenho saudade não, acho a vida muito boa agora.

Chacal:

Eu tenho.

Laura:

E você, Michel, tem saudade daquela época?

Michel:

Eu tenho, incidiu um raio de sol tão bonito agora !... Não, 79 especificamente não, porque eu tinha seis anos e foi um ano péssimo pra mim, eu sofri muito, foi quando começou meu sofrimento, exatamente quando eu tinha seis anos. Eu fui expulso de casa...

[Público:Michel, os anos 70, não tem uma aura política no Brasil?]

Michel:

Não sei, especificamente, se existe essa aura... existe uma admiração minha por esse período. Não sei se, particularmente, eu teria alguma relação. Me encanto, por exemplo, quando Chacal conta toda essa história da Nuvem cigana, de como é que, mais ou menos, nesse período, no Brasil, a poesia falada começou a ser feita e a relação que isso tinha com os *beatniks*, que é anterior. Então um pouco do que eu conheci depois dessa década se mistura com os meus sentimentos, mesmo que de menino expulso de casa, entendeu? Tinha até uma coisa da televisão, a relação, a promessa, o Brasil, final da... final não, mas a abertura política. Então, acho que... respondi?

Angela:

La falar o seguinte, é uma maravilha que tenhamos novos poetas chegando, trazendo boa poesia. Mas já que a gente falou em história, queria dizer que eu estou morando em Arraial do Cabo, onde tem uma Casa da Poesia, que é um lugar muito bonitinho, mantido lá por um mecenas, e há poucos dias fiz uma espécie de oficina e falei dos poetas marginais e de toda essa turma da Nuvem cigana, do Torquato, do Cacaso, da Ana Cristina, todo mundo veio desse período... E levei um saco cheio de livrinhos pra todo mundo manipular, porque eram livrinhos que a gente fazia. E as pessoas eram todas jovens, de 20, 18, 22 anos e adoraram segurar aquilo e ficaram a noite toda lendo os poemas, do Chacal, inclusive, curtindo muito, e falando de pessoas que eles vêem ou ouvem falar que lêem seus poemas na Lapa, e a gente volta (agora) pros novos, que estão dando continuidade.

[(barulho de alarme de ambulância) Na geração da Angela e do Chacal, ser poeta tinha algo de alarmista, era um alarme contra a polícia, contra a repressão, contra o sistema, contra o crime, contra, ser poeta era ser contra. Em 2000, como é que fica o “ser poeta”, o que é ser poeta agora?]

Laura:

Pergunta impossível de ser respondida, mas eu vou responder de alguma maneira. Eu mesma tenho dificuldade de dizer “sou poeta”, porque acho que sou muito mais poeta no intervalo de muitas coisas e

não vejo mal nenhum nisso. Também não sou poeta pra ser contra, mas eu acho que é um espaço de resguardo talvez, pra alguns poetas, só que de um ponto de vista mais estratégico. Acho que a questão de ser contra para ser poeta ou ser poeta e, portanto, ser contra, não está no horizonte de problemas. É claro que, ali no interior da linguagem, dentro do trabalho de cada um, surgem embates talvez até parecidos com esses de antes, mas tirando esses embates mais espetaculares e os embates políticos mais óbvios, tem outros embates que são muito difíceis, talvez muito mais silenciosos e discretos com a língua, com estar trabalhando num espaço muito saturado da arte, da literatura, que eu também vejo misturado. Já não é mais um caso de se colocar contra, é um não saber, talvez, onde se posicionar, onde seja minimamente confortável e produtivo, mesmo no desconforto geral de todos nós hoje.

Michel:

Não...tirando a questão histórica, historiográfica, porque eu acho que a poesia não é uma, são várias poesias, vários momentos diferentes, várias relações com o *status quo*... Mas a sensação que eu tive foi de que ser contra é uma das possibilidades, mas muito reducionista, porque o que me parece ser interessante na poesia é justamente a capacidade de desvelar, revelar aspectos insuspeitos das coisas, então é mais 360° que só ser contra, talvez seja a “favores”, mais a favores do que contra e contra é uma das possibilidades do “a favor”. Mas a poesia está nessa transgressão do laico, do cotidiano, do medíocre, até nesta possibilidade de revelar mais que o copo, a lupa, ou o objeto terrorista, ou os óculos. Fez sentido isso? Por outro lado, eu achei que sua pergunta tinha a ver com uma pergunta que eu tentei formular sobre se vocês não acham os poetas meio chatos. No sentido de que, em relação à contemporaneidade mesmo, é engraçado que a gente ouve muito os poetas se colocando como um pouco desterrados, destituídos de várias coisas, alijados do processo de comunicação de massa, enfim, há reincidência desse tipo de discurso. Não é raro ver os poetas se colocando nessa posição, quer dizer, eu vejo poetas menos permissivos que músicos, artistas plásticos, enfim, as outras áreas da produção artística, aí foi isso que eu quis dizer com “se os poetas não são um pouco chatos”.

Chacal:

Sobre ser contra, eu acho interessante ver essa opinião, tanto da Laura quanto do Michel, dessa negociação, porque não existe mais o ser contra. Nós perdemos a noção, a visão do inimigo... Naquele período, o inimigo era muito visível, era o governo militar, era a ditadura. E contra ele todos se rebelavam, todos lutavam contra aquele espantalho, que é como eu chamo aquilo, é a metáfora que eu faço do governo militar, da ditadura, era um espantalho que se via e se identificava ao longe, uma coisa meio bufa, meio durona, uma múmia paralítica, mas era uma múmia que estava ali, uma múmia cruel que torturava, que matava, mas, de certa forma, uma múmia. Era um inimigo comum a toda uma geração e nós nos rebelávamos contra aquilo, apesar de sermos a favor de todo um outro movimento que também se expressava no planeta, que era o movimento hippie, o movimento psicodélico, o movimento rock'n roll, maio de 68, Godard, enfim, todas aquelas grandes figuras e movimentos planetários que se antagonizavam com aquele governo cinza e brutal que se tinha aqui no Brasil. Então, naquele período, todos lutavam contra aquilo, não se negociava, como hoje em dia as pessoas negociam. Hoje em dia, existe uma esperteza maior, nessa geração, em negociar. Não é uma poesia, não é uma arte reativa, ela é propositiva, ela é flexível, a nossa ficou muito estigmatizada por ser do contra, por ser reativa. Então eu brinco que a gente era da contracultura, agora como não tem mais cultura, sou apenas do contra. E fico querendo ser contra, levantar a bandeira pra alguma coisa, mas não existe mais alguma coisa hoje em dia pra ser contra, tudo é possível. O espantalho dos anos 70 se transformou no agrotóxico dos anos 90, anos 2000, onde o inimigo está dentro da gente. A gente tem a mesma função de eliminar as pragas, a mesma função do espantalho, só que muito mais moderna e muito mais violenta. Então você ingere o agrotóxico e você mesmo se contamina com aquilo. E como eu vejo o agrotóxico hoje em dia? Como uma cultura de mercado, em que se faz tudo para servir ao mercado, tudo é conteúdo para o mercado. De uma outra forma, você não é mais censurado pelo sistema e pela censura, e sim se autocensura em função do mercado. É um inimigo invisível, inodoro. Com quem você vai reclamar, sabe?! O mercado não tem cara, não tem face, é invisível e a gente engole isso de uma certa forma, porque quer fazer parte dessa festa.

Laura:

Michel, quanto aos poetas chatos...numa certa medida, existe um discurso do poeta que é muito chato, sim. Tentando um pouco associar as duas falas, uma tentativa de expurgar esse agrotóxico, este tóxico que está em se julgar dentro de uma linguagem, como se a poesia conseguisse ser um lugar apartado desse lugar que está intoxicado e que é muito confuso, é muito lamacento, mas onde a poesia pode se mover. O Michel estava falando desta tentativa de separar o que é poético do que é massa. É diferente dos músicos, que se lançam muito mais sem medo e que dialogam, flertam, usam, sabem usar de uma forma muito crítica e, ao mesmo tempo, muito gostosa, com vários elementos que estão em circulação. Quer dizer, que a poesia pode estar em plena circulação, enfim, estamos todos neste grande lixo e daí se tira muita coisa. Não se trata também de tentar expurgar alguma coisa e se manter numa trincheira. Tem uma chatice nisso, mas isso também se deve muito à própria situação da poesia no mercado literário. Os poetas acabam assumindo isso, como uma espécie de missão que seria da própria linguagem de poesia, enfim, é uma questão muito mais circunstancial do modo como a poesia às vezes se propaga, que é menos espetacular pra muitos poetas, não pra todos. Existe esse pavor de se misturar, que é... bobo, eu acho que é falso, talvez.

Angela:

Não necessariamente que a gente seja do contra e nem eu mesma me considere do contra no passado, como também não me considero a favor hoje em dia. O que a gente vê é uma relação com o que está aí à parte, não necessariamente contra, mas de um outro ponto de vista que faz ver outras manifestações, outras relações entre os objetos e as pessoas. Quando se trata desse inimigo invisível, acho que se eu tivesse sido, exatamente, um poeta do contra, deveria continuar sendo, com muito mais motivo, porque tem muito mais coisa me contrariando hoje do que tinha quando a população era menor. E, na política também, embora não seja tão claro, esteja mais oculto, ainda há muita coisa a ser combatida e eu espero contribuir pra isso na minha pequena medida, ainda tenho essa pretensão e acho que todos devíamos ter, quem se incomoda tem que reclamar e se juntar e tentar melhorar, porque a gente está aqui neste planeta, devemos fazer alguma coisa, eu não vou me suicidar.

Michel:

Eu te ouvindo, cheguei à conclusão que menti antes, eu sou totalmente do contra, sou totalmente rebelde, de fato, todas as atividades que eu faço, em minha vida, são do contra, a começar contra mim mesmo, sempre mudo de opinião em relação aos trabalhos que proponho, me sinto completamente inadequado. Na verdade, eu sou contra a própria vida e, só contextualizando o que está sendo discutido como você também fez, tentando ligar às questões anteriores, tem muita coisa pra lutar contra. Acho, diferentemente do que Chacal falou - a gente sabe disso, queda do muro, mundo dividido etc., cortina de ferro, *O fim da história*, do Fukuyama, já que estamos na universidade - que os inimigos são muito visíveis; a capa de jornal, diariamente, apresenta umas 17 manchetes do que se ser contra, e vai mesmo do Arruda, que já tinha violado o painel, até essa questão da poesia. Isso envolve todos os segmentos da produção artística. É justamente essa questão de como conseguir romper esse falacioso fosso que se criou na produção cultural, como se houvesse algo que se produz, seja em literatura, cinema, música, televisão, que se chama entretenimento, que trabalha com comunicabilidade, leveza, muitas vezes humor, e outra coisa, que estaria do outro lado do fosso, que é consistência, experimentação, compromisso etc. Então, per si, isso já é mais que suficiente, impossível e gloriosa guerra.

[Os bastidores da criação poética; o livro no papel; as mídias digitais]

Chacal:

A idéia da poesia no papel, pra mim, é uma coisa que exclui o corpo do poeta, a voz do poeta. Então eu sou a favor da expressão poética com o corpo e com a fala, fica mais completa. Embora tenha poetas do papel que são excelentes poetas do papel, prefiro falar meus poemas, tentar expressar com o corpo. Inclusive, dentro do meu processo, tem uma coisa meio intrigante, até pra mim, porque só considero o poema meu, quando decoro, quando eu incorporo o poema, quando eu passo a dominar os ritmos dele. E para dominar os ritmos do poema, tenho que decorar, tenho que falar várias vezes, isso me dá uma tranquilidade: o poema fica mais completo. Em vez de trabalhar com o

branco da página, que representa o silêncio de certa forma, vai-se trabalhar com o silêncio propriamente dito, e o Michel é craque nisso. É uma das pessoas que fazem melhor, é fruto também do CEP 20000, um projeto que vai completar 20 anos em 2011 e que conseguiu introduzir, de uma forma violenta, digamos assim, poetas falando seus poemas. Por uma dificuldade de editar os poemas, começou essa prática de falar os poemas todo mês, duas vezes por mês no CEP e surgiram figuras, craques, absolutamente geniais na arte de falar poesia ... Michel é um deles e tem vários outros lá dentro do CEP 20000. A poesia – na minha produção – quanto mais foge do papel, mais eu acho ela interessante.

Laura:

Interessante porque o Chacal começou falando da conexão entre a linguagem, a poesia e o corpo via voz. Uma coisa que estaria fora do papel. E eu trabalho tentando criar uma conexão com o corpo de uma forma diferente, eu experimento e sinto a leitura como alguma coisa muito física, muito corpórea e que não necessariamente precisa passar por essa expressividade vocal. Sou artista plástica também; e, em muitos trabalhos, tento captar plasticamente o que acontece e que pode parecer apenas intelectual ou mental, ou muito frio ou muito distante, mas que vejo como uma tensão, às vezes, sensual, muito grande, na experiência de leitura, quer dizer, num livrinho, numa coisa que seria um objeto inanimado. E gosto muito também de tentar conectar via corpo, via choques, de encontrar esses pontos de fusão, de tensão ou de ebulição entre o corpo e a poesia. Para mim existe alguma coisa que vem desse encontro com o livro mesmo, com esse objeto tal qual ele é, o poema escrito, lido. Pra mim a leitura é uma coisa muito física, e a escrita também.

Michel:

Todas as certezas que eu tenho são sobre essa necessidade de afirmação da multidisciplinaridade, do multifacetamento, de como são plurais os exercícios disto e o exercício da poesia, que estão muito mais ligados à perplexidade do olhar do que à ferramenta técnica de seu papel e à escrita. Mas, em contraponto a isto, a gente vê que, realmente, esse objeto livro, como a Laura acabou de falar, é ‘fetichesco’ e mágico, porque, cotidianamente, eu assisto a 30, 40, 50 vídeos no

Youtube, que é um negócio maravilhoso, realmente, um espaço da memória, em contraponto ao que se diz que a internet é só uma manifestação da fragmentação e da simultaneidade pós-moderna. No entanto, posso lembrar de poemas que eu li há 20 anos, então, de fato, a forma de decantação do conteúdo do livro se dá de uma maneira especial, diferente. Então essa mídia tem um valor intrínseco sim.

Angela:

Eu penso que poesia pode ter muitos formatos, pode vir a nós de várias maneiras, desde um *design* de um produto, uma paisagem, uma feira, literatura em prosa... Tanto que quando eu leio os meus poemas, sempre escolho poemas que considero que sejam fáceis de ouvir, porque a gente nunca sabe muito sobre si mesmo, e eu também penso que os meus melhores poemas têm a ver com o papel, que é preciso lê-los no papel. Não que os outros não sejam bons, eu gosto deles também, mas eles têm uma outra qualidade.

[Quem fez vocês poetas; quem causou o primeiro espanto poético; quais foram os poetas que vocês leram; que poetas entraram em diálogo com vocês?]

Laura:

Queria falar, na verdade, de um livro onde eu fiquei presa e de onde eu só consegui sair, exatamente, fazendo uma espécie de ritual plástico, que são *As obras completas* da Alejandra Pizarnik. E é um livro que eu amo e detesto e que li muitas vezes, de frente pra trás, de trás pra frente, foi uma experiência bem vertiginosa de leitura e que, enfim, precisei bolar um gesto totalmente plástico, físico, pra conseguir parar de ler e, felizmente, consegui parar.

Michel:

O Mário Quintana foi o primeiro poeta que eu parei pra ler na vida, eu comprei o livro, “Eu agora – que desfecho!/ Já nem penso mais em ti... Mas será que nunca deixo/ De lembrar que te esqueci?”¹⁰. Acho que esse foi o primeiro poema que eu li de Mário Quintana. Tem também Paulo Mendes Campos num poema maravilhoso, difícil de achar, em coletâneas, que se chama “Camafeu”¹¹, que tem uma frase que eu lembro: “Minha avó fechava a geladeira com uma suavidade

anterior às geladeiras”, e para encerrar a série de coisas de que lembro aqui aleatoriamente: o livro de poemas de Paulo Henriques Britto cujo primeiro poema, assim como o primeiro livro do Drummond tem o “Poema de sete faces”, se chama “Barcarola” e que também a vida inteira me acompanha. E essa semana mesmo relembrei uma passagem: “estamos aqui, polindo a areia desta praia artificial, roubando o diamante do anel... não! Roubando o diamante do anel da vitrine que estamos cortando com o diamante do anel que estamos roubando da vitrine que estamos cortando com o diamante do anel que vamos roubar”¹². É muito melhor que isso, logicamente, mas é lindo.

Angela:

Eu gostava muito da Virginia Woolf, muito do Monteiro Lobato, muito do Manuel Bandeira.

Chacal:

Monteiro Lobato, com certeza, foi um dos primeiros que me despertaram o prazer de ler, li toda a coleção dele, naquela fase importante da vida da gente, devia ter uns 8, 9, 10 anos. Daí eu acho que eu optei pela literatura naquele momento, junto com todo o tropicalismo, eu não vejo tanta diferença assim entre poesia, música, cinema. Todas as linguagens, quando se tem uma percepção de algo artístico muito grande, deixam de ser apenas poesia, música, cinema, teatro. É algo que te induz, que quebra com todas essas categorias e escaninhos lingüísticos e semióticos. A música a que eu me refiro é *Like a Rolling Stone*, do Bob Dylan, que eu ouvi em 65, numa festa na Academia Militar de Agulhas Negras, onde eu passava as férias. E ali eu percebi que a coisa do canto, da voz, daquela voz anasalada do Bob Dylan era poesia pura, como depois eu vim a confirmar com o Cartola, com o João Gilberto... A minha formação de poesia é muito mais através da música do que da própria poesia, muito embora um poema que tenha me marcado muito, em tempos de colégio também, foi “Romaria”, do Carlos Drummond de Andrade, o primeiro poema, assim, que me transfigurou.

[Quando cessa o controle do poeta sobre a poesia, sobre o poema? Quando o poeta deixa de ser o dono do poema, se algum dia deixa de ser dono?]

Laura:

Se algum dia você foi o dono dele... Não sei. Sou muito caótica na maneira de escrever e de reescrever, faço muitas versões. Então, não me sinto nem um pouco dona, em nenhum momento. Sou totalmente suscetível às questões exteriores, isso quer dizer que o poema continua a se modificar, mesmo que apenas virtualmente, depois de publicado. E, por tudo isso, acho muito bom quando acaba também.

Chacal:

Eu acho que poesia está no ar e, às vezes, você capta. Como pode ser você, pode ser outro e o leitor também. É uma coisa muito efêmera. Depois você pode trabalhar em cima daquilo e colocar novamente em circulação. Aquilo que é circulante volta para a circulação, com uma breve materialização do poeta. Depois que você acaba e publica ou fala o poema, ele já não te pertence mais. Já é domínio público.

Angela:

Eu tenho a sensação de que é completamente meu e ninguém tasca. É até engraçado porque, ao contrário disso, às vezes, como eu já tenho poemas muito antigos, eu vejo uns antigos e penso que são de outra pessoa. Mas eram meus. Eu já conheço tanto, que eu já acho até que é de outro autor. Eu me considero dona. Nunca perco essa noção.

[Pergunta do público: Eu queria perguntar para todo mundo: diante das artes visuais, quais são os artistas que levam vocês a escrever? Se acontece isso ou se não... Eu queria que vocês nomeassem alguém que inspira vocês no trabalho.]

Michel:

Matthew Barney.

Laura:

Francesca Woodman.

Angela:

Além daqueles clássicos que a gente acompanha... artistas plásticos maravilhosos. Na minha geração, tinha Rubens Gerchman, que fazia uma arte bem engajada. Tinha, um pouco antes, pessoas completamente ligadas à poesia como Volpi, Maria Leontina - aqueles bambuzinhos lindos - e por aí vai. Eu não me lembro muito de todos os nomes, porque não é a minha praia. Mas eu sei apreciar bem. Traz a poesia para nós.

Chacal:

Chelpa Ferro. Chelpa Ferro.

[Pergunta do público: O poeta pode ser chato, ou é chato? A crítica é chata? O poeta crítico é o chato dos chatos? Vocês leem crítica? A crítica é importante? O que é crítica?]

Chacal:

Eu leio pouca crítica, porque enfim... Não consigo ler muita crítica. Nos cadernos de cultura, hoje em dia, cada vez mais a crítica está omissa. Para mim, a leitura que a Fernanda Medeiros (UERJ) faz da minha poesia é extremamente clarificadora, esclarecedora no sentido de coisas que eu não percebia escrevendo... Eu não sou um poeta crítico, eu sou um poeta intuitivo. Coisas que ela descobriu me deixam encantado e me ajudam, na verdade, a continuar escrevendo, a acreditar.

Angela:

Eu leio pouca crítica. Mas eu leio de vez em quando e gosto. Acho que é uma maneira de dialogar com outras possíveis leituras. Inclusive, eu sempre faço essa mistura de tudo. Além daqueles artistas plásticos que citei, me lembrei de tantos outros que me influenciaram de alguma maneira, por exemplo: Cildo Meireles, Antônio Dias, Antônio Manuel, Eduardo Sued. Todo mundo trouxe alguma coisa. Não exatamente com palavras. Mas é uma maneira de comentar também a estética, o mundo.

Michel:

Eu acho crítica o máximo, excetuando a que fala mal. Sinceramente falando, por isso acho os poetas críticos geniais. Acho que alguém para fazer uma crítica tem que ser poeta. Crítica tem que ser criativa, tem que multiplicar a obra, esse é o exercício. Tem que ser uma nova obra a partir da obra. A crítica indigna... ficar dando paulada em artista em praça pública, essa eu acho indigna. Dizendo quem pode ser artista e quem não pode...

Laura:

Eu estou na academia também. Sou artista. Sou poeta e, como sou uma leitora apaixonada por determinados autores, acho que a crítica faz parte desse convívio com uma obra em intensidade. Não tem por que achar chata, enfim... Não vejo nenhuma contradição. São formas de ler. São lugares e formas de estar convivendo com aquilo que eu acho interessante, que me estimula e me faz pensar. Então, não tenho nenhum senão à crítica de poesia que eu recebo. A crítica que um poeta jovem consegue ter é muito anônima, muito pessoal, muito de troca íntima. Para o poeta chegar a receber uma crítica hoje demora a vida inteira, praticamente. Ou você tem formas de apresentação muito alarmistas: “Como criar um novo poeta” ou “como criar um novo artista”, mas isso não é necessariamente crítica. Isso é promoção. Isso é invenção de novos artistas para circular. A crítica mesmo é muito rara e muito preciosa, cada vez mais. Uma verdadeira leitura crítica que não esteja comprometida com uma celebração ou com um apontar o dedão na cara para dizer “isso é uma droga”... Eu acho que a crítica é um trabalho muito delicado mesmo.

[Pergunta do público: Eu queria saber se existe uma diferença, e qual seria, da vocalização que o poeta faz e que o ator faz de poemas? Vocês acham que é diferente?]

Chacal:

Eu acho que, inclusive dentro da poesia, tem vários tipos de interpretação. Vocalizar, por exemplo. É diferente essa ideia de vocalização do concretismo, ou da poesia dadaísta, da interpretação que nós começamos a fazer a partir dos anos 70, que é a fala do poe-

ma. A gente não vocaliza o poema, fala o poema. Uma fala que também não é uma leitura branca, nem uma leitura do poema, é falar com o corpo todo se expressando. Diferente do ator, que parece que tem que “mostrar”. Isto falando a grosso modo. Neste caso, entre o poema e o público fica o ator, com esse mau hábito, de “interpretar” um poema. A poesia é generosa e permite diversas interpretações, quando se fecha numa interpretação só, eliminam-se as outras. Dirige-se a atenção do espectador, do ouvinte, para um determinado tipo de leitura, excluindo as outras. Isso é um pouco limitador. Também não existe muita regra, não. Um poema bem interpretado tem o seu valor. Só que, muitas vezes, fica em excesso. O ator usa a linguagem teatral para falar um poema. Cria ritmos, cria tempos teatrais para o poema, que matam o ritmo. A poesia tem um ritmo próprio. Essas outras linguagens, se você não souber usá-las direito, se superpõem ao poema. Essa música de fundo muitas vezes se superpõe à música do poema. Quando se ouve Bandeira gravado, a música dele desaparece. É a minha impressão. A mesma coisa com um ator falando. Ele usa ritmos, usa coisas da própria linguagem teatral, de chamar uma risada, de dar um tempo teatral que quebra um pouco o ritmo do poema. Então eu acho que tem que saber dosar. Michel, o que você acha disso?

Michel:

Eu não concordo, por vários motivos. Se formos ver procedimentos cênicos contemporâneos no teatro, existe um sem-número de peças nas quais os atores estão, por exemplo, sentados sem nenhum tipo de trabalho corporal, nem vocal. Esses espaços - o que em algum momento se chamou de *spoken poetry*, poesia falada, performance, teatro, as artes cênicas em geral - estão muito misturados. Não acho que em função da linguagem a gente poderia valorar a apresentação. Eu entendo que, quando o Chacal fala, surge uma persona muito clara... Parece que a persona escolhida para falar é a voz do poeta escrevendo, não sei se isso faz algum sentido. Mas é um tipo de escolha teatral, de uma persona, que é essa persona da voz interior, talvez lendo um poema quando está sendo escrito ou acabou de ser escrito. Tem um tipo de ritmo, um tipo de melodia e pontuação que é importante. Não sei... A gente vê isso muitas vezes, que tem uma porosidade na voz, algum tipo de fragilidade naquela composição. Até porque é assim mesmo.

Angela:

De um modo geral, não gosto quando atores lêem textos. Eu acho que eles impostam demais a voz. Fica muito épico, muito dramático, para o meu gosto pessoal. Eu, pessoalmente, gosto de ler os meus poemas. Mas de alguma maneira, dou a eles uma entonação ou alguma interpretação, porque eu faço alguma pontuação de acordo com a melodia – eu sou bem ligada na melodia – e, junto com ela, de acordo com o espaço que ele ocupa na linha e no papel.

Laura:

Sobre a questão dos atores... Eu gosto. Trabalhei com um poeta que tem essa pesquisa da língua, que vai em questões muito vitais da relação com a língua. Mas eu gosto muito de ouvir poetas que têm uma voz totalmente desmascarada e até impotente. João Cabral lendo. São leituras muito fortes. A Sylvia Plath, que parece estar mascando chiclete. Parece que está comendo a própria poesia. Eu acho que tem alguma coisa dessa relação muito crua, às vezes. É claro que sempre existe um grau de atuação, de performance. É sempre um gesto diante de um gravador, de um outro possível. Gosto muito dessas vozes trêmulas. Isso é uma coisa que sempre me interessou, tentar ouvir os próprios poetas lendo. É um tipo de fetichismo que traz alguma coisa muito forte. Quando ouvi a Sylvia Plath lendo os poemas... esse efeito que ela produz, de fazer a língua se parecer com algo elástico, é muito estranho, muito interessante. Talvez seja um tipo de atuação sem personagem. Tem um embate com a língua, com a dificuldade de ler, às vezes muito básico, que pode ser bonito. O poeta velho lendo, a voz do poeta velho... Eu gosto muito de ouvir isso, esses dados sensíveis.

Michel:

Eu tenho o desejo de me misturar com tudo. Eu gosto que as coisas vazem, se misturem. Essa é a forma como eu me relaciono com a vida e com o meu trabalho. Eu repito coisas nas outras. Eu quero essa permissividade. É assim que eu vejo a vida e, portanto, o meu trabalho. No entanto, com o passar do trabalho e com a construção do trabalho ele começa a se formalizar. Aquilo que se faz intuitivamente, na verdade, está diretamente ligado ao que se acredita, às suas reflexões. De modo que, na trilogia de espetáculos, por exemplo, que tem

como premissa essa integração de linguagens, eu comecei a verificar como isso funciona e por quê. Como exemplificação, eu acho que esse recurso de transitar entre *stand-up comedy*, passar para uma poesia falada, é um recurso que, como diria o prezado filósofo francês Jacques Rancière: “desestabiliza(r) o olhar do espectador”, então surge uma forma intuitiva. É o desejo. É o erotismo. Mas, para além da questão do intuitivo e do desejo, existe um exercício de desestabilizar o olhar do espectador e a transgressão das linguagens. O livre trânsito entre elas é um procedimento para atingir esse objetivo.

[Pergunta do público: Eu queria fazer primeiramente uma pergunta para a Angela. Nós percebemos que a maior parte da sua obra é construída por poemas versados. “Caminhos do Conhecer” foge um pouco, fica no limite entre a poesia e a prosa, num gênero quase indefinível. Queria que você comentasse sobre isso. Também queria perguntar pra Laura e pra Ângela se elas acham que fazem uma poesia feminina.]

Ângela:

Eu faço poesia feminina e faço poesia masculina, também. Quanto a essa minha questão com os gêneros, eu penso que através dos tempos a humanidade se divertiu fazendo cantos, cordel, epopéias, e sonetos, e romances, e narrativas, e contos, e crônicas, e jornalismo, sempre delimitando regras para cada gênero. E nós chegamos num ponto onde tudo se bagunçou. Eu faço questão de estar nessa bagunça. Para mim não tem tanta diferença. Eu acho que os “Caminhos do Conhecer”, apesar de contar uma história, ou “As mulheres gostam muito”, tem, mais do que tudo, poesia.

Laura:

Quanto a escrever uma poesia feminina... Escrevo em português, no qual se tem que fazer sempre uma opção pronominal. Não me sinto satisfeita. Às vezes, demoro muito, inclusive, a decidir se o pronome é masculino ou feminino. Eu mesma lendo poesias, muitas vezes, não levo muito a sério o que esse pronome determina. Eu gostaria que ele

fosse mais indeterminado, ou que fosse possível permutar. Muitos dos meus poemas têm um “ela”, poderia ser um “ele”. Não tem essa fixação de gênero, leitor pode ler como algumas questões do feminino. Mas a gente vive nessa língua que obriga, em vários momentos, a usar um pronome. Eu acho isso, às vezes, incômodo.

NOTAS

¹ CHACAL. Uma Palavra Escrita. In: *Belvedere*. RJ/SP: 7 Letras, Cosacnaify, 2007, p. 312 (publicado originalmente em *América*, RJ, Edição do autor, 1975).

² _____. Imagine se. In: *Uma história à margem*. RJ: 7Letras, 2010, p.217

³ MELIM, Angela. Coisas pardas. In: *Mais dia menos dia. Poemas Reunidos. 1974-1996*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1996, p. 27.

⁴ _____. Tem um verão dentro de mim. In: *Possibilidades*. RJ: Ibis Libris, 2006, p.59.

⁵ _____. Alças, decotes. Idem, *ibidem*. P.58

⁶ MELAMED, Michel. In: *Regurgitofagia*. RJ: Radiográfico, 2005. p.109.

⁷ (<http://www.revista.agulha.nom.br/michelmelamed.html#rebecca>)

⁸ ERBER, Laura. O estupro (ela engole). In: *Vazados & Molambos*. Florianópolis: Ed. da Casa, 2008, p. 30.

⁹ Idem. *ibidem*, 37

¹⁰ “Do Amoroso Esquecimento” In: *Espelho Mágico*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1951.

¹¹ CAMPOS, Paulo Mendes. “O mar é uma louça que se parte contra as penhas, enquanto minha avó Fechava a geladeira com um jeito suave, anterior às geladeiras”. In: http://palavrate.sites.uol.com.br/Poeta_Lembrei/poemembrei_poesias2.htm#poema2

¹² A estrofe de Barcarola, citada por Michel: “eu e quase você, bêbados, desbundados, tontos de sono, /prostrados na praia artificial/ polindo na areia plástica/ a pedra do anel que a gente ia roubar/ contando as estrelas que o dia já apagou/ vendo o sol nascer às avessas / esperando o barco.”In: BRITTO, Paulo Henriques. *Mínima lírica*. Coleção Claro Enigma. S. Paulo: Livraria Duas Cidades, 1989, p. 11-12.